

Cenário favorável continua a baixar o risco Brasil

Em ano de eleição presidencial, indicadores da economia podem diminuir as turbulências nos mercados

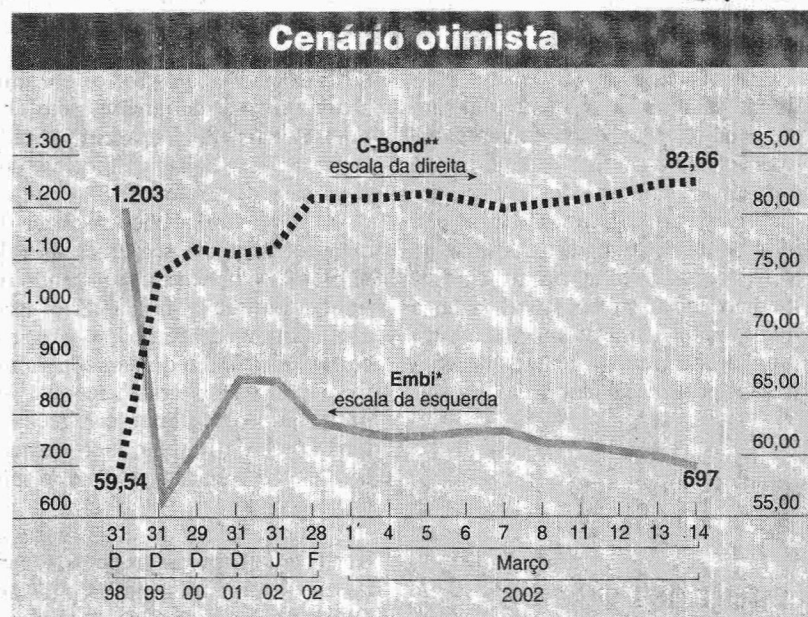
Chrystiane Silva
de São Paulo

Se depender apenas dos indicadores da econômica brasileira, o período que antecede às eleições presidenciais poderá gerar menos volatilidade no mercado financeiro do que nas últimas votações. O cenário macroeconômico está mais estruturado e sólido do que nas eleições ocorridas em 1994 e 1998, mas não está imune aos efeitos da corrida à Presidência da República. Desta vez, há mais candidatos disputando o cargo e o mercado financeiro, tradicionalmente, sempre é mais sensível aos rumores políticos que acontecem nesta época do ano.

De acordo com um relatório do **Dresdner Bank Lateinamerika**, a incerteza associada à eleição presidencial pode ser menor neste ano porque o programa de governo de todos os candidatos parece prever a manutenção da estabilidade econômica e o crescimento. “A volatilidade que pode ocorrer no mercado financeiro será esporádica e não significa que o setor produtivo da economia também estará preocupado”, disse o economista do **Lloyds TSB**, Odair Abate. Esses momentos de instabilidade podem ser favoráveis aos investidores que poderão alcançar lucros — ou perdas — com a variação no preço dos ativos financeiros.

Em 1993 e 1994, por exemplo, os indicadores conjunturais eram melhores e a população brasileira estava eufórica com o fim da inflação e a implantação da URV (Unidade Real de Valor), criada pelo então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e que foi um dos principais elementos do Plano Real. “Mas estruturalmente o país estava muito pior do que agora. Havia os desafios da privatização e o déficit na previdência social. O otimismo durou pouco e em fevereiro o país sucumbiu com o contágio da crise no México”, disse o economista do Citibank, **Carlos Kawai**.

Em 1998, a economia brasileira foi atingida pelos respingos da crise asiática, que começou em 1997, e logo após pela crise russa, em outubro de 1998. “A política fiscal na época era insustentável, havia um



Câmbio

Cotação de venda (R\$/US\$)

Taxa	14	13	12
Mínima	2,3370	2,3220	2,3290
Máxima	2,3540	2,3510	2,3630
Fechamento	2,3440	2,3490	2,3310
Ptax*	2,3441	2,3368	2,3496

Fontes: Banco Central, InvestNews e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Média do Banco Central

crescimento absurdo da dívida pública e o setor público tinha déficit primário”, disse o economista do **HSBC**, Alexandre Bassoli. De lá para cá, muita coisa mudou.

O regime de câmbio deixou de ser fixo e passou a flutuar, o que ajuda a absorver choques externos. “O câmbio em 98 era irreal (R\$ 1,16 na média) e produzia déficits na balança comercial”, disse Bassoli. Em 1998, a balança comercial registrou déficit de US\$ 6,4 bilhões e a expectativa para este ano é de um superávit de US\$ 5,2 bilhões, nas estimativas do **HSBC**. O crescimento do país deve ser maior do que os 0,2% em 1998 e ficar em 2,4% neste ano.

O superávit primário do governo

federal passou de R\$ 6,3 bilhões (1998) para R\$ 32 bilhões (2002). Já a relação dívida pública/PIB piorou: de 42,6% para 54,9%, no mesmo período. Os juros básicos da economia cederam de 29% para 16,5% ao ano (expectativa para dezembro de 2002) nos últimos quatro anos. Abate, do **Lloyds**, afirma que apesar de o panorama macroeconômico ter melhorado ainda há muito por fazer. “Os números fiscais estão bons, mas a reforma fiscal é imprescindível. A inflação está baixa, mas ainda está acima da meta”, disse.

Um dos indicadores mais sensíveis à mudança macroeconômica foi o C-Bond, principal título da dívida soberana renegociada. O papel, que é transacionado no mercado internacional, subiu 43%, de US\$ 0,472 (no final de 1994) para US\$ 0,826, ontem. O título é um termômetro da confiança do investidor estrangeiro no país. O risco país (que indica o preço pago para tomar empréstimos no exterior e a remuneração necessária para vender papéis aos investidores internacionais) também melhorou nos últimos anos.

O Embi+, medido pelo **JP Morgan**, caiu quase pela metade nos últimos quatro anos. O índice passou de 1.203 pontos básicos, em dezembro de 1998, para 697 pontos bási-

Momento melhor

CONTAS EXTERNAS (US\$ bi)		1998	2002*
Exportações.....	51,1	57,4	
Importações.....	57,6	52,2	
Balança comercial.....	-6,4	5,2	
Conta corrente.....	-35,2	-19,7	
ATIVIDADE ECONÔMICA			
PIB.....	0,2%	2,4%	
Produção Industrial (IBGE).....	-2,3	2,2%	
INFLAÇÃO			
IPCA.....	1,8%	4,9%	
IPC-Fipe.....	-1,8%	4,4%	
SETOR PÚBLICO			
Superávit Primário do Governo Central (R\$ bi).....	6,3	32,0	
Superávit Primário do Setor Público (R\$ bi).....	-0,10	46,0	
Superávit Primário do Setor Público (% do PIB).....	0,0%	3,5%	
TAXA DE JUROS E DE CÂMBIO			
Câmbio (média do período, R\$/US\$).....	1,16	2,60	
Câmbio (final do período, R\$/US\$).....	1,21	2,55	
Taxa Selic (média).....	28,6%	17,5%	

Fonte: HSBC *Estimativas

cos, ontem. O índice é uma média do “spread” (juros pagos acima dos títulos do tesouro norte-americano) dos principais títulos brasileiros. De acordo com um relatório do **BBV Banco**, o risco país há tempos estava acima do nível sugerido pelo “rating” soberano do país — calculado por simulações econométricas e séries de tempo.

O índice correto apontava para 760 pontos básicos. “Apesar de surpreender alguns analistas, a queda no prêmio de risco do país não é descolada dos fundamentos atribuídos ao país por meio do “rating” (que melhoraram). Novas reduções do prêmio de risco são possíveis desde que o risco corrente esteja acima do sugerido pelo rating”, informam os economistas do banco.

O C-Bond subiu 0,46%, ontem, e valia US\$ 0,826, com rumores de que a agência de classificação de risco norte-americana **Moody's Investor Service** poderia elevar o “rating” do Brasil antes das eleições presidenciais. O Brasil está três níveis

abaixo da classificação “investment grade” (recomendação para investimentos). “Os investidores estão otimistas porque consideram que outras agências também podem melhorar a classificação do Brasil”, disse o diretor de mercados emergentes da **Corretora López León Brokers**, Felipe Brandão.

Ontem, a cotação do dólar comercial seguiu o bom humor do dia e fechou em baixa de 0,21%, negociado a R\$ 2,344, na venda. A Ptax, média das cotações apurada pelo Banco Central (BC), ficou em R\$ 2,3441, alta de 0,31%. Na Bolsa de Mercadorias e Futuros (**BM&F**), o contrato de dólar com liquidação financeira em abril caiu 0,26% e valia R\$ 2,36. O dólar também pode ser um importante indicador do preocupação dos investidores com o resultado das eleições presidenciais. No ano passado, a moeda chegou a subir 48% e ser negociada a R\$ 2,84, após o atentado aos Estados Unidos, em 11 de setembro. Neste ano, o preço do dólar acumula alta de 1,2%.